

# Parecer positivo do FMI e BIRD depende de ajuste do cruzado

~~Divida Externa~~  
Roberto Garcia

Correspondente

- 1 NOV 1986

**Washington** — Os rumores de uma atualização do Plano Cruzado em fins de novembro estão causando suspiros de alívio no FMI e no Banco Mundial. Economistas das duas instituições acham que, se forem realmente efetivados, os ajustamentos atualmente em discussão serão suficientes para eliminar algumas das críticas mais sérias que eles iriam registrar nos relatórios que estão elaborando sobre a política econômica brasileira.

Relatórios positivos sobre a política econômica por parte daquelas duas instituições são considerados essenciais para o sucesso das negociações sobre reescalonamento plurianual da dívida externa, que o governo Sarney deverá abrir com os bancos credores do país, no fim do ano.

## Congelamento preocupa

Fontes do FMI afirmaram ao JORNAL DO BRÁSIL que a equipe de especialistas em economia brasileira daquela instituição, chefiada pelo chileno Thomas Reichman, voltou de sua recente missão ao país preocupada com distorções crescentes causadas pelo congelamento de preços. Alguns desses economistas afirmam que, se não forem corrigidas rapidamente, tais distorções poderão requerer um tratamento muito mais penoso no futuro. A preocupação é compartilhada por especialistas do Banco Mundial, disseram as mesmas fontes.

Os economistas do FMI e do Banco Mundial são os primeiros a reconhecer as conquistas do Plano Cruzado, cuja imposição aplaudiram. Eles mencionam o surto vigoroso de crescimento, o uso pleno da capacidade instalada e os estímulos que isso pode proporcionar para novos investimentos e o uso mais eficiente do parque industrial do país. Dizem também que alguns dos problemas que os preocupam agora resultam do próprio sucesso do plano: extraordinário aumento da demanda, falta de artigos de consumo e de insumos industriais, novas pressões inflacionárias demonstradas pela cobrança generalizada de ágio. Ressaltam, contudo, que a mão-de-obra começou a faltar em meados do ano, que para conseguir trabalhadores as indústrias vêm aumentando salários consideravelmente e, por causa disso, seus próprios custos. Para estimular as empresas a investir mais, compra máquinas e aumentar sua produtividade, os preços devem ser reajustados, asseveram eles. Se não se fizer isso, advertem, o crescimento também ficará congelado.

Os sinais de superaquecimento são agora abundantes, dizem eles, criando fortes dúvidas quanto à possibilidade de sustentar as taxas atuais de crescimento a médio prazo. As missões que estiveram no Brasil verificaram que, convencidas de que os preços estão prestes a subir, mais e mais pessoas e empresas começaram a estocar produtos, para despejá-los quando isso ocorrer. Outros ainda fazem estoques preventivos, comprando porque acham que vai faltar, o que acelera a realização de seus próprios temores. Quando esses estoques forem liberados, os preços cairão mas as encomendas às fabricas também ficarão suspensas por algum tempo, com óbvios efeitos depressivos, acrescenta um analista do Banco Mundial. Levando isso em conta, ele afirma que os preços não podem continuar congelados, especialmente se desejar que a economia brasileira continue batendo recordes de crescimento.

As consequências desse quadro para o comportamento geral da economia brasileira são mencionadas por numerosos observadores da situação brasileira em Washington. As isenções de impostos para aliviar algumas empresas mais pressionadas em seus custos vão causar impasses para o Tesouro. Sem recursos para compensar a perda de receitas, mais títulos da divisa terão que ser lançados no mercado. Para estimular sua compra, os juros terão que aumentar. O déficit financeiro do governo aumenta porque as projeções eram baseadas em juros mais baixos. Aumento dos juros também desestimula investimentos necessários à modernização da economia.